



## EDITORIAL

### **CORPOS NEGROS E INDÍGENAS: ABORDAGENS DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E AS REEXISTÊNCIAS SOCIOCULTURAIS PARA ENFRENTAMENTOS AO RACISMO RELIGIOSO E EPISTEMOLÓGICO**

Um convite cheio de risos e encantos, foi assim que esta mulher negra recebeu este presente especial. Começamos nossa escrita reconhecendo os universos outros de ancestralidades reunidas em um jardim acolhedor. Tudo cuidadosamente organizado neste encontro significativo, copos, gravador, papéis, lápis e canetas sobre a mesa e cadeiras dispostas ao redor. Um momento de diálogos que ficou emoldurado entre o verde das folhas e flores de plantas contrastando com o brilho das cores no céu de dourado/avermelhado num entardecer de um domingo acreano.

E como uma película de cinema diversas foram as cenas de memórias outras, desde os rumores da ideia de criação de uma revista para combater as diversas formas de manifestações de racismos a este ato de apresentação da 18ª edição da Revista Em Favor de Igualdade Racial. Assim penso que esta escrita seja, também, um agradecimento pela constatação de um sonho manifesto na potência desta Revista que emerge como uma via de ressignificação e reexistência dos saberes.

Desse campo imagético e emblemático, envolvida com uma leitura poética entre as resistências negra e indígena às críticas decoloniais, nesta edição o conjunto textual propicia entre outros, o reconhecimento reiterado dos saberes, das cosmologias e práticas tradicionais das culturas de matriz africanas e indígenas nos permitindo entrever nestas escritas comprometidas a reivindicação de epistemologias outras, envoltas de estratégias que evidenciam uma visão de um educação para as relações étnico-racial e, porquanto antirracista buscando romper com o racismo epistemológico e religioso desde o currículo ao fazer docente.

Assim, as diferentes abordagens expõem sob a lógica da diversidade e da interseccionalidade a ideia de como os corpos negros e indígenas foram concebidos e visibilizados é, no mosaico das escritas percebemos que estes “corpos” carregam consigo diversidade em gênero, regionalidade e classe, que influenciam como experimentam e enfrentam o racismo religioso e

epistemológico. E, nos permite compreender que as múltiplas opressões que esses “corpos” enfrentam e as diferentes formas de resistência que desenvolvem, ressignificando os diferentes processos de uma reexistência cultural e subjetividades locais/identitária, demonstrando a capacidade de releituras das culturas negras e indígenas frente à “opressão”.

Desta forma, pensamos que a reexistência apresentada por meio da preservação de práticas culturais, religiosas e educacionais, pode ser pensada como um ato político de resistência ao racismo e de reafirmação a subjetividade local/identitária. Neste sentido, nos enfrentamentos ao racismo religioso e epistemológico, os corpos negros e indígenas trazem em si histórias, símbolos e espiritualidades que ao serem evidenciados nos textos, expõem a importância da educação para as relações étnico-raciais que exigem o combater o racismo e o respeito aos diferentes saberes e às diferenças culturais.

Agora, quero te convidar leitura dos artigos apresentados nesta edição para refletir sobre nosso papel social na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva e, ainda, constatar como a simbologia que envolve a própria data da publicação, 20 de novembro 2024, recoloca as questões, principalmente às desigualdades históricas e estruturais presentes na sociedade contemporânea, descritas por um elenco de uma potente escrita sensível que evidenciou o tema central desta edição **"Corpos negros e indígenas: abordagens de uma educação antirracista e as reexistências socioculturais para enfrentamentos ao racismo religioso e epistemológico"**. A riqueza dos conteúdos nos permitiu estruturar o tema central desta edição em quatro eixos temáticos, articulados entre si. Como segue:

**O primeiro eixo temático: E... por falar em legalidades e legimidades: como está a aplicabilidade das leis?** É constituído de quatro textos, em seu conjunto, questionam a efetividade das leis no combate às desigualdades raciais, evidenciando como a aplicação dessas normas enfrenta desafios estruturais e pedagógicos.

Ao pensar uma via de regularidades - irregulares o texto que inicia o diálogo do primeiro eixo temático sob o tema: ***Educação para as Relações Étnico-Raciais na Educação Infantil: ações necessárias e urgentes*** evidencia seu mérito ao trazer a Educação Infantil para o centro do debate das questões de (des)igualdade racial, esta é uma das etapas da educação muitas vezes negligenciada quando se trata de combater o racismo estrutural. Assim, a escolha metodológica de articular pesquisas, legislações e proposições práticas confere ao artigo uma perspectiva integrada, essencial para a compreensão do problema e a busca por soluções efetivas.

Sob outra lógica, mas visando a análise na educação física o texto *Corpo, racismo e pensamento abissal: investigações acerca do currículo de educação físicas nos anos iniciais* sob a premissa da presença do "corpo-território negro" no currículo escolar, evidencia a problemática sobre a efetividade da Lei 10.639/03 e a forma como a história e a cultura afro-brasileira são abordadas nas aulas de Educação Física. Neste sentido, a abordagem teórica permite entrever como a colonialidade persiste nas práticas educacionais mesmo após avanços legais. Ao questionar "sob qual ótica" o negro é representado no currículo, o artigo desafia práticas pedagógicas superficiais e expositivas, apontando para a necessidade de reflexões profundas que reconheçam o corpo-território negro como sujeito ativo e não apenas como objeto curricular.

A abordagem inovadora do texto *Religiões de matrizes africana e afrobrasileira e racismo religioso: ressonâncias do maculelê nas aulas de educação física escolar* ao explorar o uso do Maculelê nas aulas de Educação Física, fundamentando-se nos pilares da decolonialidade e da interculturalidade, articular uma prática corporal de matriz afro-brasileira com questões socioculturais como "raça" e "racismo religioso" e, busca transcender o ensino técnico da disciplina para garantir um espaço crítico e transformador. Expondo uma proposta ousada e estratégica, por sua relevância, especialmente ao considerar o contexto de uma escola pública brasileira, onde as desigualdades e as práticas discriminatórias frequentemente se refletem no ambiente escolar.

Ao abordar uma das questões centrais nas discussões sobre desigualdades raciais no Brasil acerca da eficácia das ações afirmativas, o texto *Impacto da lei nº 12.990/2014 nos cargos técnicos efetivos de uma instituição federal de ensino* revela que, apesar da implementação dessa política, a composição racial do quadro de servidores técnicos efetivos permanece predominantemente branca, indicando que o impacto esperado ainda não foi alcançado. E traz à tona a persistência do racismo estrutural, que atravessa não apenas a sociedade, mas também as instituições públicas, mesmo diante de políticas destinadas a reduzir as desigualdades. Ao evidenciar a limitada eficácia da reserva racial, o texto aponta para a necessidade de manutenção e possível ampliação dessa política, o que reforça a urgência de ações mais contundentes para promover a equidade racial no setor público.

Porquanto, a convergência da análise expõe a limitação das leis quando desarticuladas de práticas educativas e sociais transformadoras, reforçando a urgência de repensar a aplicabilidade e os impactos das normas no enfrentamento aos desafios estruturais e pedagógicos no combate ao racismo estrutural no Brasil.

**Segundo Eixo temático: “Olhares” dos/nos trânsitos da educação: as dimensões da identidade, memória e diversidades no/do fazer docente**, aprofunda nas questões estruturais e subjetivas que moldam o ambiente educacional, especialmente em contextos de opressão histórica, como o vivido pela população negra e indígena.

Os trânsitos educacionais numa abordagem do sistema opressivo que mantém a população negra em uma condição de subalternidade tornam o enigmático texto *Um sorriso negro traz felicidade? uma reflexão sobre a historicidade, ascensão, mobilidade social e educacional do negro* pois, ao explorar a perpetuação da colonialidade e suas implicações na estigmatização e discriminação racial apontou a complexidade dos mecanismos de opressão. A reflexão ética e teórica apresentada nesse texto fortalece a necessidade de políticas públicas e práticas docentes que desconstruam as narrativas racistas e proporcionem condições reais de ascensão e mobilidade para os negros no contexto educacional. Desta forma, a ideia de "prática amorosa" como ferramenta de libertação e transformação, ainda que inovadora, aponta para a necessidade de humanizar as relações sociais e promover novas perspectivas na luta antirracista.

Sob o prisma do texto *O papel da pedagogia antirracista na construção identitária de estudantes negros* mostra como a pedagogia antirracista pode influenciar a construção identitária de alunos do ensino fundamental. O diálogo envolvendo os conceitos de racismo, identidade e formação docente, serviram para entrever o impacto das discussões étnico-raciais na formação das crianças. A proposta revela o potencial transformador de práticas pedagógicas que valorizem a diversidade e desafiem estruturas racistas no ambiente escolar. Destacamos entre outras, a abordagem metodológica, que combina observação, entrevistas e atividades práticas, pois permite uma análise contextualizada e concreta dos efeitos da pedagogia antirracista. O uso de materiais didáticos e obras literárias que destacam o protagonismo negro é especialmente relevante, uma vez que combate representações históricas excludentes e promove a valorização das características físicas e culturais de origem afrodescendente.

Sob outra perspectiva a análise apresentada dos impactos das memórias raciais na formação de jovens universitários torna particularmente emblemático essa discussão no texto *Ressignificação de memórias racistas a partir dos construtos nas relações sociais no ambiente educacional formal*. Aqui destacamos a discussão das experiências vividas por discentes de diferentes semestres e cursos, explorando como suas vivências raciais moldaram subjetividades locais/identidades e práticas no ambiente acadêmico. Sobressaindo daí a contradição dos ambientes educacionais formais, estes são simultaneamente espaços de reprodução de

experiências racistas e arenas para o acesso ao conhecimento e à reflexão crítica. Este aspecto dual evidencia tanto os desafios estruturais do racismo no sistema educacional quanto o potencial desses espaços para promover ressignificações e aprendizagens transformadoras.

Os processos de resistência e ressignificação cultural do povo Huni Kuĩ, com foco na transferência de saberes ancestrais e no enfrentamento das pressões sociais e econômicas que ameaçaram as memórias e identidades indígenas é a escolha interpretativa que constitui o texto *Fronteiras simbólicas entre uma educação tradicional Huni Kuĩ e educação escolar Huni Kuĩ* que contribui com a discussão ao explorar a relação entre a sistematização curricular e a preservação cultural em razão dos desafios contemporâneos, entre outros, a articulação entre os saberes tradicionais e as demandas da educação formal visando a interação para a constituição de uma pedagogia intercultural verdadeiramente inclusiva.

Portanto, os textos que formaram este eixo temático permitem refletir sobre a interseção entre educação, identidade, memória e resistência, abordando como práticas pedagógicas inclusivas podem ser potentes ferramentas de transformação social e cultural, proporcionando não apenas uma nova visão sobre as dinâmicas educacionais, mas também um espaço para a valorização da diversidade e da identidade de grupos marginalizados.

**O terceiro eixo temático: Corpos, racismo, os tons de... gênero e vislumbres de memórias**, propõe reflexões críticas sobre a interseção entre “gênero”, “raça” e as “memórias” marcadas pela violência e resistência. É composto por quatro textos que reafirmam a urgência de refletir sobre corpos e memórias como territórios de resistência e transformação social.

As reflexões dos estereótipos impostos a corpos femininos negros e a questão da prostituição nos contextos de opressão heteropatriarcal, são traços que o texto *Comparatismo dos corpos femininos negros em menino de engenho e becos da memória* impacta a análise com uma revisão bibliográfica robusta, analisa as relações entre “identidade”, “gênero” e “raça”, em uma perspectiva crítica sobre como o racismo e o machismo convergem para a objetificação do corpo feminino negro. Assim, a reflexão sobre como a literatura brasileira contemporânea e, ao retratar as mulheres negras e suas sexualidades, não só expõe as dinâmicas de subordinação a que estão submetidas, mas também oferece um espaço de resistência ao questionar as representações tradicionais.

Nas malhas do tempo as margens dos “corpos”, sem mudar o “tom” da análise, se torna imperativo reflexões mais incisivas sobre as dinâmicas de exclusão e silenciamento. Desta forma, evidencia que, as experiências das mulheres negras frequentemente marcadas pela

interseccionalidade de gênero e raça e, são marginalizadas dentro das agendas feministas hegemônicas. É neste campo fértil que o texto ***Caminhos entrelaçados: uma análise da interação entre o feminismo branco e mulheres negras ao longo do tempo*** denuncia o caráter excludente do feminismo branco em relação às mulheres negras e propõe a necessidade de transformações estruturais no movimento feminista, visando combater o preconceito e promover melhores condições de vida para mulheres negras. Numa abordagem que além de reconhecer a desigualdade como uma realidade histórica e contemporânea, também, aponta para a possibilidade de um feminismo mais plural e comprometido com a justiça social, expondo a perspectiva de um espaço, idealmente, inclusivo e transformador.

Sob outra lógica o texto ***De princesas negras a orixás: a representatividade feminina negra em “Oma-Oba: histórias de princesas”*** reconhece a relevância de personagens negras na literatura infantil e juvenil, mas também destaca a necessidade de uma abordagem pedagógica que integre essas narrativas ao ensino fundamental. As atividades propostas potencializam as culturas africanas e afro-brasileiras e, pelos estudos realizados, reafirma o compromisso com uma educação mais inclusiva, plural e alinhada à luta contra o racismo, enquanto aponta para a literatura como um campo fértil para além das representações de personagens negras as africanidades e permite a ressignificação dessas personagens no contexto escolar.

E por último deste eixo, o texto ***A solidão da mulher negra: estudos de caso no Big Brother Brasil de 2022 e 2023***, mostra como a reprodução de desigualdades interseccionais no BBB, enquanto um produto midiático de grande alcance, contribui para perpetuar estereótipos e relações desiguais, ao invés de subvertê-los. Ao mesmo tempo, propõe uma reflexão das dinâmicas refletem e reforçam as estruturas opressivas da sociedade brasileira. Portanto reafirmando a urgência de desnaturalizar as interseções de “raça”, “gênero” e “classe” para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Desta forma, os textos que compõem o eixo temático "Corpos, racismo, os tons de... gênero e vislumbres de memórias" emergindo como um espaço de reflexão crítica sobre a materialidade dos corpos como territórios de disputa, resistência e reconstrução identitária. Ele convida ao enfrentamento das desigualdades estruturais e ao reconhecimento das narrativas que resgatam as memórias e dignificam os corpos marginalizados.

**Quarto Eixo Temático: Entre as margens deslizantes: ausências, máscaras de cores e o “olhar” (in)visível do “eu” e do “outro”,** aborda de maneira crítica e multifacetada as dinâmicas raciais e de poder que atravessam a sociedade contemporânea, com foco nas experiências

de sujeitos racializados, especialmente os negros. O eixo composto de três textos e duas resenhas propõe uma reflexão sobre como o racismo estrutural e a colonialidade continuam a moldar as vidas de indivíduos negros, tanto no Brasil quanto no contexto global.

Sob a óptica do texto *O homem de cor e a branca, por Fanon e Zammuel: relações afetivas e de poder entre sujeitos racializados* se examina as complexas dinâmicas de poder entre homens negros e mulheres brancas na sociedade contemporânea. Usando, entre outros, a linguagem da música como elemento de análise a pesquisa revela que, nas relações entre esses grupos, a busca das mulheres brancas por homens negros vai além do afeto, incluindo também a necessidade de validação e controle. Ao fazer essa observação, o estudo destaca como essas interações são atravessadas por questões de poder e dominância, enraizadas no racismo estrutural e nas normas sociais que perpetuam desigualdades. Assim as contribuições teóricas, apresentadas no texto, servem para aprofundar a análise das motivações subjacentes nas trocas afetivas entre indivíduos de diferentes raças, questionando a ideia de igualdade nas relações interracialis em um contexto de opressão racial.

E, ainda as reflexões *Políticas de extermínio de um povo que não é reconhecido como civilização: Notas sobre colonialidade, racismo e sexismo na saúde mental brasileira*. Entre importantes apontamentos este texto é um convite ao leitor “olhar” para as margens, pois o estudo traça um diagrama das formas de subjetivação do corpo negro, que continua a ser estigmatizado e disciplinado pelas estruturas de poder, reafirmando a violência institucional direcionada a esses sujeitos. Ao expor as conexões entre racismo, colonialidade e as práticas manicomiais, apresenta uma crítica à continuidade de práticas de exclusão e opressão no contexto contemporâneo. Além disso, oferece uma reflexão importante sobre a necessidade de incluir as vozes de intelectuais negros e negras no debate sobre a saúde mental e as reformas necessárias no campo.

Fechando este eixo temático o texto *Direito a terra, abolição e formação das favelas na sociedade brasileira* expõe o “direito” como uma chave oculta, negada e retida nas mãos do representante do capital “colonizador”. Assim, a análise histórica e crítica das condições sociais da população negra após a abolição, propõe uma reflexão sobre a desresponsabilização do Estado em relação aos negros libertos, destacando como o racismo estrutural e as políticas públicas foram fundamentais para a marginalização dessa população. Ao explorar a necropolítica e os dados de mortalidade da população negra, o artigo expõe como o Estado, ao negligenciar as condições de vida dessa parcela da população, contribui para a perpetuação da desigualdade social e racial.

Este texto ao abordar a relação entre a questão social, a abolição do trabalho escravo no Brasil e a formação das favelas nos permitiu articular as temáticas entre si... E, o nexos para apresentar as duas resenhas desta safra da 18ª edição da Revista, a ***Resenha de casa de alvenaria, volume 1 – Osasco, de Carolina Maria de Jesus***, a escrita desta resenha, nos serviu como uma lente crítica sobre a realidade brasileira, conectando o passado descrito pela autora ao presente. Na obra apresentada Carolina Maria de Jesus transita entre as dimensões concretas da fome e suas implicações simbólicas, sugerindo ao leitor entender que a privação não é apenas material, mas também emocional e existencial. A escrita potente, expõe um texto carregado de humanidade e indignação que transforma a narrativa pessoal em um ato político, desafiando os leitores a confrontarem as persistentes desigualdades que moldam o Brasil contemporâneo.

Finalizando essa edição, a resenha ***Filhos de Ninguém: retratos do auto esquecimento*** baseado numa linguagem outra do cinema, reflexo de uma obra autobiográfica do roteirista e diretor Adewale Akinnuoye-Agbaje (2018), um convite para entrever os impactos da colonialidade e do racismo estrutural na vida de indivíduos negros na Inglaterra, numa abordagem crítica e estética, entrelaçando narrativa pessoal com questões históricas e culturais de relevância global. Neste convite, além de nos permitir compreender as feridas deixadas pela opressão racial e, expõem as linguagens do filme como um ato de denunciador de ressignificações das experiências de marginalização, por oferece uma visão multifacetada da identidade e pertencimento, desafiando o público a refletir sobre os legados do colonialismo e as continuidades do racismo em espaços ditos pós-coloniais.

#### **A Casa da Pobreza**

Carolina Maria de Jesus

A favela é o depósito dos vencidos.  
É o lugar dos que não têm recursos para a vida.  
A favela é o porão da sociedade.

Os favelados, ao invés de serem lapidados,  
são atirados na rua como se atiram os detritos.  
Os favelados estão num pedestal inferior.  
Todos querem se ver livre deles.

Não têm importância social.  
Para os governantes, os favelados  
são restos humanos.

Concluimos o percurso da escrita desta edição e, em agradecimento pela oportunidade, contribuições e perspectivas apresentadas pelos autores e autoras, bem como aos nossos leitores e



leitoras, dedicamos o poema "A Casa da Pobreza". Este gesto também é uma homenagem a Carolina Maria de Jesus, uma mulher negra cuja obra se destaca como uma das mais emblemáticas da literatura brasileira. Carolina, com sua escrita sensível e tocante, reflete sobre o sofrimento das classes marginalizadas e denuncia as desigualdades sociais. Seu poema expõe de forma visceral as dificuldades da vida nas periferias, a exclusão social e o racismo, ao mesmo tempo em que exalta a força e a resistência do povo marginalizado.

Rio Branco-Acre, 20 de novembro de 2024.

**Profa. Dra. Geórgia Pereira Lima**

Professora Associada da Universidade Federal do Acre (Ufac)  
Diretora do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Ufac (CFCH/Ufac)  
Pós-Doutorado em Ensino de História pela Universidade Federal do Amapá (Unifap)  
Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP)  
Mestra em História do Brasil pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)  
Graduada em Bacharelado e Licenciatura em História pela Ufac